

## EDITORIAL

Em seu último número de 2017, a revista GEOgraphia inicia uma nova seção, **Conceitos Fundamentais da Geografia**, em substituição à seção **Livros & Autores**. Trata-se do embrião de uma proposta mais ousada, a de produzir, futuramente, um Dicionário de Geografia Humana brasileiro. Objetiva-se assim tratar os principais conceitos trabalhados pela geografia, de modo conciso mas reunindo uma média de 3 a 6 páginas. Para sua redação serão convidados especialistas nas temáticas tratadas, entre aqueles que se dedicam à Geografia no Brasil. Inauguramos esta seção com nosso verbete mais amplo, *Espaço*, a cargo do geógrafo Ruy Moreira.

Os verbetes terão também, ao final, a indicação de uma pequena bibliografia básica, autores que discutiram o tema na Geografia ou que tiveram um papel fundamental para o debate sobre o conceito. Serão responsáveis por esta seção os seguintes membros do Comitê Editorial: Rogério Haesbaert, Juliana Nunes e Daniel Sanfelici.

Os **Artigos** desta edição abordam novamente uma ampla variedade de temas geográficos de especialistas nacionais e internacionais renomados. No primeiro artigo, *Teorizando as relações socioespaciais* os pesquisadores do Reino Unido e Estados Unidos, Bob Jessop (Universidade de Lancaster), Neil Brenner (Universidade de Harvard) e Martin Jons (Universidade de Sheffield) reformulam debates recentes sobre a teoria socioespacial por meio da introdução de uma abordagem que pretende compreender o caráter inerentemente polimórfico e multidimensional das relações socioespaciais. Os autores consideram várias das recentes e sofisticadas "viradas" no âmbito da ciência social crítica, explorando suas limitações metodológicas e salientando muitas vertentes importantes da teoria socioespacial, as quais

buscam transcender aquelas limitações. Esta proposição é apresentada como uma extensão às contribuições recentes para a espacialização da abordagem estratégico-relacional (AER), a qual se mostra aplicável em várias esferas de investigação dos processos socioespaciais no capitalismo contemporâneo.

Em *Debate contemporâneo: Geografias ou geografia? Fragmentação ou Totalização?*, Dirce Suertegaray (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) discute a fragmentação e a totalidade/totalização da geografia brasileira. Esse debate contemporâneo evidencia como a fragmentação geográfica se expressa em diferentes temas e no conceito de espaço geográfico, salientando a necessidade de avançar em análises para a busca de unidade na Geografia.

O conceito de governança para designar todos os procedimentos institucionais das relações de poder e das formas de gestão públicas ou privadas, tanto formais como informais, as quais regem a ação política dos atores é discutido no artigo *A governança territorial revisitada: dispositivos institucionais, noções intermediárias e níveis de regulação* por Elson Luciano Silva Pires e Lucas Labigalini Fuini (ambos da Universidade Estadual Paulista), Wilson Bento Figueiredo Filho (Academia da Força Aérea) e Eugênio Lima Mendes (Universidade Estadual de Feira de Santana). São problematizados os fatores explicativos das teorias institucionalistas que tratam a governança territorial como uma condição necessária para estabelecer compromissos entre os atores, com vistas ao desenvolvimento econômico, social e político das metrópoles, das cidades e seus territórios locais e regionais.

Uma análise do papel das ações coletivas

(associações, cooperativas e sindicatos de agricultores) no acionamento e na ativação das escalas geográficas para o desenvolvimento de suas atividades é pretendida em *Políticas de escala e a conformação de estratégias-rede das ações coletivas no espaço sisaleiro da Bahia* por Agripino Souza Coelho Neto (Universidade do Estado da Bahia). Este estudo foi realizado no Espaço Sisaleiro da Bahia (Brasil), onde um conjunto significativo de associações e cooperativas de agricultores e sindicatos de trabalhadores rurais tem se organizado em torno das escalas espaciais para viabilizar sua ação político-institucional e econômico-produtiva. É evidenciado como estas ações coletivas desenvolvem políticas de escala, ou seja, como a escala passa a significar muito mais que uma categoria de análise, tornando-se uma categoria da prática social e política. A função social da propriedade como uma categoria jurídica e política que só pode ser efetivamente compreendida nas conexões que possui com as relações sociais de produção é o que discute Luiz Antônio Evangelista de Andrade (Instituto Federal do Espírito Santo) em *O princípio da função social da propriedade na zona de conflito jurídico-político: uma contribuição ao debate acerca da problemática urbana contemporânea*.

Em *Agronegócio e campesinato na Amazônia brasileira: transformações geográficas em duas regiões nos estados de Rondônia e Pará*, Ricardo Gilson da Costa Silva e Francilene Sales da Conceição (ambos da Universidade Federal de Rondônia) discutem como o agronegócio da soja cristaliza os espaços da globalização na Amazônia brasileira, opondo o campesinato e as forças hegemônicas do capital. A área para análise deste processo multiescalar de conversão de áreas agrícolas em campo de expansão econômica do capital é entre o sul do estado de Rondônia e o oeste do estado do Pará.

Já em *(Nenh)um "choque das civilizações", ou a colonialidade da "nova ordem mundial"*, Shadia Husseini de Araújo (Universidade de Brasília) aborda os discursos geopolíticos (re)produzidos nas mídias árabes com o objetivo de enquadrar e explicar os atentados de 11 de setembro de 2001, destacando o papel da teoria do "choque das civilizações" e das representações do Ocidente que se manifestam nesse contexto. A partir do conceito de "Geografias Imaginativas" na perspectiva da Geopolítica Crítica, este artigo mostra que a teoria do "choque das civilizações" – por sua vez duplamente assentada em regionalizações geográficas tradicionais e em uma construção binária entre Ocidente e mundo islâmico – é rejeitada nos jornais analisados. É evidenciado que ao invés de se apoiar nessa teoria, os acontecimentos de 11 de setembro de 2001 e os atentados terroristas nos anos seguintes, bem como as geografias imaginativas do Ocidente reproduzidas nesse contexto, são enquadrados e formados por meio de um discurso multifacetado e profundamente pós-colonial.

Na sequência, seguem dois artigos sobre o conceito de Lugar. Em *Cartografias geográficas: o que pode um mapa...*, Djeovani Roos (Universidade Federal da Grande Dourados) e Cláudio Benito Ferraz (Universidade Estadual Paulista) abordam o uso da cartografia geográfica para estudos do conceito de Lugar, com o objetivo de capturar e mostrar que as informações espaciais são modos de apreensão possível do que faz uma imagem cartográfica ser um mapa. A potência que se instaura aqui é instigar o pensamento na relação dos mapas com a produção artística; enquanto obra de arte não se fixa representativamente, mas é um instigador de processos possíveis. Por sua vez, o artigo *Lugar e memória: cenários* por André Alvarenga (Universidade Federal Fluminense) busca problematizar a memória à luz da geografia. É evidenciado como a memória complexifica o lugar, permitindo-o ser percebido e concebido em diversas escalas, além de compreendido como elemento que afeta os indivíduos e coletividades afetivamente e também politicamente.

Por fim, *Solos frágeis do Parque Nacional da Serra da Capivara, Piauí*, por Gustavo Souza Valladares, Cláudia Maria Sabóia de Aquino e Renê Pedro de Aquino (todos da Universidade Federal do Piauí) em colaboração com Raphael Moreira Beirigo (Universidade Federal da Paraíba) analisa a fragilidade de solos de sítios arqueológicos do Parque Nacional da Serra da Capivara (PNSC) à degradação por erosão. Apesar de grandes variações morfológicas, químicas e granulométricas, evidenciou-se a fragilidade em quase todos os perfis estudados de solo, indicando a premente necessidade de melhor manejo ambiental.

A seção **Nossos Clássicos** traz um dos autores mais importantes no debate sobre espaço e política, Henri Lefebvre, através da tradução do texto *Problemas Teóricos da Autogestão*, publicado originalmente na revista francesa *Autogestion*, em 1966, e recentemente na coletânea em inglês *Space, State and World: selected essays*. Trata-se de um atualíssimo debate envolvendo as definições de autogestão e as possibilidades de sua emergência nas fraturas do capitalismo.

Por fim, a **Resenha** de João Carlos Carvalhaes dos Santos Monteiro (Universidade Federal Fluminense) apresenta a obra *Milton Santos: A Pioneer in Critical Geography from the Global South* que compõe a série *Pioneers in Arts, Humanities, Science, Engineering, Practice* (Editora Springer), coleção de divulgação do trabalho de pensadores importantes em diversas disciplinas.

Uma ótima leitura a todos!

Os editores